

## De monóculo a monóculo — Eça visto por Afonso Lopes Vieira

Cristina Nobre

"[...] — Talvez se riam. Mas eu sustento a semelhança. Aquele todo de Gonçalo, a franqueza, a doçura, a bondade, a imensa bondade, que notou o Sr. padre Soeiro... Os fogachos e entusiasmos, que acabam logo em fumo, e juntamente muita persistência, muito aferro quando se fila à sua ideia... A generosidade, o desleixo, a constante trapalhada nos negócios, e sentimentos de muita honra, uns escrúpulos, quase pueris, não é verdade?... A imaginação que o leva sempre a exagerar até à mentira, e ao mesmo tempo um espírito prático, sempre atento à realidade útil. A viveza, a facilidade em compreender, em apanhar... A esperança constante nalgum milagre, no velho milagre de Ourique que sanará todas as dificuldades... A vaidade, o gosto de se arrebicar, de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociável. A desconfiança terrível de si mesmo, que o acobarda, o encolhe, até que um dia se decide, e aparece um herói, que tudo arrasa... Até aquela antiguidade de raça, aqui pegada à sua velha Torre, há mil anos... Até agora aquele arranque para a África... Assim todo completo, com o bem, com o mal, sabem vocês quem ele me lembra?  
— Quem?...  
— Portugal. [...]"

Eça de QUEIRÓS, (1999) *A Ilustre Casa de Ramires*, ed. crítica de Elena Losada Soler, ficção, semi-póstumos e póstumos, IN-CM, Lx., pp. 455-6.

1. Não sei se seria esta imagem de Portugal que Eça de Queirós [EQ], pela boca do esperto administrador João Gouveia (e não do respeitável funcionário José Lúcio Castanheiro...), gostaria de ver difundida como a sua última verdade no complexo entendimento da realidade nacional. É preciso não esquecer que ela aparece como interpretação possível de uma personagem secundária sobre o protagonista da história, Gonçalo Mendes Ramires. E, ainda que nenhum dos outros personagens envolvidos nesta fantástica (e fantasmagórica?) cena final do romance — Videirinha, António Vilalobos e o padre Soeiro — a contestem, a caracterização de síntese, alcançada através da justaposição de contradições e de actuações paradoxais, serve na perfeição um tipo de deformação que a visão irónica queirosiana projectou para o futuro das hipotéticas leituras. Efectivamente, tão instáveis são os efeitos projectados por esta pseudo definição de Portugal quantas as interpretações que já sofreu, assim como as análises que motivou<sup>1</sup>.

É provável que fosse este Portugal, tomado na sua letra desambiguadora, que Afonso Lopes Vieira [ALV] tinha em mente quando escreveu a *Carta*, datada de Março de 1917, em que se escusava de não participar com estudo condigno no *In*

<sup>1</sup> Vide a título exemplificativo, artigos de Teresa Rita Lopes, "A Raça Bela Adormecida para Pessoa e os Saudosistas" in *Afecto às Letras*, IN-CM, Lx. (Lopes, 1984: 623-32) e "A crise da pátria e o regresso à raiz de Garrett a Pessoa" in *Em torno da Idade Média*, UNLx., Lx. (Lopes, 1989: 11-36).

*memoriam* de EQ, e tentava fazer do EQ, dos últimos anos, o pai redescoberto de um nacionalismo apaixonado pela Tradição:

"[...] Queiroz conta que os rapazes revolucionários da roda de Antero tinham descoberto um dia esta novidade imensa — a Bíblia. O grande escritor descobriu, no último período da sua vida, esta outra maravilhosa novidade — Portugal!

É que o romancista confundiu durante longo tempo Portugal com o *conselheiro Acácio*.

Mas nos seus últimos livros o grande artista, sentindo a graça do seu País, é já um grande camarada nosso. E êle, como nós e o *Castanheiro do Ramires*, — amâmos emfim a Tradição..." (ALV, 1922a: 14-5).

Em Dezembro de 1925, ALV, na qualidade de secretário da revista *Lusitânia*, no decurso de uma homenagem à eminente filóloga D. Carolina Michaelis de Vasconcelos (falecida em Novembro desse ano), procura situar o desabrochar desse amor por Portugal — um Portugal que se restringe aos *Portugueses, que nos séculos XV e XVI descobriram os grandes oceanos, os novos céus, as ilhas esparsas e os continentes distantes* (ALV, 1925: 134) — em que a filóloga foi exemplar, nos homens de finais do séc. XIX e primórdios do XX, como Garrett, Castilho e Teófilo Braga. No entanto, se aos homens do 1.º Romantismo faltou o travão da análise e da ciência contra a fantasia e a retórica, e aos do 2.º Romantismo, com a excepção do solitário Herculano, continuaram a faltar as *luzes combinadas da análise paciente, do método rigorosamente sereno e da crítica documentada e objectiva* (*idem*: 134-5), a geração dos 'Vencidos da Vida' também não era poupada na visão catastrófica de ALV:

"[...] a geração dos Naturalistas, tão mal armados para o novo estudo do presente — alma, rua ou mundo — como os seus predecessores o estavam para fazerem reverdejar utilmente a tradição ignorada ou esquecida. Desses 'positivistas' e 'cosmopolitas', os mais convictos do seu anti-romantismo vieram a morrer em cheiro-de-santidade novi-romântica, porque esta alma penada de Portugal, tanto tempo incapaz de se encontrar a si própria, não cessava de procurar-se, até quando queria e julgava alhear-se de si ainda mais. [...]" (ALV, 1925: 134).

Esta síntese diacrónica sobre as gerações anteriores não deve entender-se apenas como uma visão parcelar de ALV, mas insere-se coerentemente dentro do aparelho conceptual de toda uma geração, panfletariamente retratada em *Palavras Loucas* com que Alberto d' Oliveira pretendeu acordar, em 1894, os moços do seu decadente país para a necessidade de *nacionalizar* Portugal através da rapidamente endeusada *Tradição*.

Se é verdade que o próprio Alberto d' Oliveira, a alguns anos de distância, escrevia um maduro artigo para a *Lusitânia*, intitulado "O Nacionalismo na Literatura e as *Palavras Loucas* (Cartas inéditas de Oliveira Marques, Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro)" (Oliveira, 1925: 7-33), onde repunha na fugacidade da juventude o ambicioso grito de inovação e *apostolado fervente*, pelo talento do Nobre do *Só* — com a convicção de que *o regresso à Tradição, e o amor e o estudo desse tão pequeno como grande universo que era a nossa Pátria, tinham de ser*

*os lemas fecundos, e que então pareciam novos, da geração a que pertenc[eu] (idem: 7)* —, também é verdade que continua a não perdoar a Guerra Junqueiro e a EQ a insensibilidade mostrada na incapacidade de ler, em tempo útil, em António Nobre as *suas fulgurantes novidades (idem: 8)*.

No entanto, a carta de EQ, de 6 de Agosto de 1894, de Paris, transcrita na íntegra por Alberto d' Oliveira, na tentativa de alcançar com ela uma plataforma de entendimento mais larga — *só a coordenação e a coexistência pacífica de todas as forças materiais e morais seriam capazes de converter a obra humana em alguma coisa de mais sólido e duradouro do que a absurda teia de Penélope (idem: 11)* — entre representantes destacados de duas gerações em surdo, mas inevitável, confronto, continua a ecoar hoje, para além do instante circunstancial da virulenta reacção desencadeada entre EQ e os adeptos desse *novo nacionalismo*, então tutelados por Alberto d' Oliveira, numa visão crítica e irónica (não tenderão as duas a justapor-se em EQ?) dos limites e das limitações da nova escola:

"[...] Enquanto às suas ideias — não lhe parece que o Nativismo e o Tradicionalismo, como fins supremos do esforço intelectual e artístico, são um tanto mesquinhos? A humanidade não está toda metida entre a margem do rio Minho e o cabo de Santa Maria: — e um ser pensante não pode decentemente passar a existência a murmurar extaticamente que as margens do Mondego são belas! Por outro lado o tradicionalismo em literatura já foi largamente experimentado, durante 30 largos anos, de 1830 a 1860 — e certamente não resultou dele aquela renovação moral que Portugal necessita, e que o meu amigo dele espera. Tivemos xácaras e romanceiros, e lendas, e solares, e moiros, e beguinos, e besteiros, e sujeitos blindados de ferro [...] e tudo o que o meu amigo reclama como factor essencial de educação... E de que serviu tudo isso para o aperfeiçoamento dos caracteres e das inteligências, ou sequer para a sua renacionalização? [...]

Não, caro amigo, não se curam miserias ressuscitando tradições. [...]

[...] E, a propósito, o que é o Neo-Garrettismo? Estou com muita curiosidade de saber a que nova concepção do Universo, ou a que novo método científico, ou a que feitiço original do espírito crítico, deu o seu grande nome o mestre genial do *Frei Luiz de Sousa*. Se Neo-Garrettismo é um sistema que nos habilitará, a todos, a fazer com facilidade *Freis Luizes de Souzas* e *Autos de Gil Vicente*, então, por Jupiter! sejamos todos neo-garrettistas com fervente entusiasmo!" (*apud Oliveira, 1925: 24-6*).

A seis anos da sua morte, rendido, na opinião de ALV, ao cheiro de santidade<sup>2</sup> que a publicação póstuma de obras como a *Cidade e as Serras* ou, mais tarde, *A Catástrofe*, as *Cartas* e *O Egipto*, pode ter contribuído para fazer entender como um arrependimento — definido por ALV como *a curva da sua complexa psicologia, que o fez partir de uma atitude de encarniçados desdems até chegar à ternura gentilíssima e bucólica dos seus últimos livros* (ALV, 1922: 14) — seria ainda plausível encontrar este tipo de discurso tão saudavelmente duvidoso de EQ?

<sup>2</sup> É preciso não esquecer que no artigo "O Bock ideal", datado de 1893, in *Notas Contemporâneas*, EQ faz a seguinte observação sobre essa moda literária de escrever livros de santos: "[...] Querem dizer alguns que, neste neo-evangelismo da mocidade do Bairro Latino, há meramente uma outra manifestação dessa vaga religiosidade literária, derradeira emanação do romantismo, que está hoje levando os artistas e os poetas a tomarem por temas preferidos as lendas cristãs e as vidas dos santos. § [...] § [...] § Mas o que me inquieta (e aqui me parece ser logro) é que nesse lugar divino, nessa nova galileia, onde o Sr. de Vogué levou a mocidade, não estão sòmente Jesus e a sua doce lição. Para além, na sombra, por trás do Sr. de Vogué, parece-me avistar um sacristão! [...]" (EQ, 1913d: 362 e 365).

No Prefácio que escreveu para as *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas* (ed. póstuma, 1929), é o próprio filho de EQ, José Maria, quem se insurge contra esta interpretação, então em moda, de um arrependimento tardio que, na sua interpretação filial, pressupunha um crime que o seu pai nunca teria cometido:

"[...] Onde estava realmente o crime? — Em ter ridicularizado o que era ridículo e estigmatizado o que era erro? Poderíamos falar em arrependimento, se víssemos EQ, nos seus últimos livros, cumprimentar respeitosamente o Padre Amaro, exaltar o talento do conselheiro Acácio, apertar a mão honrada de Basílio e falar gravemente das virtudes conjugais da pobre Luísa! O que vemos, porém, é muito diverso: cansado de zurzir uma sociedade que não parecia querer emendar-se, uma política que cada vez mais se afogava no atoleiro parlamentar, vemos o escritor 'mudar de assunto'. Farto da cidade e do século, foge para o campo e para o passado — e então temos a *Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*, livros de transição, e depois as vidas de Santos, livros de repouso.

"[...] Foi, como todos nós, moralista aos vinte e cinco anos — e cheio de tolerância aos cinquenta. [...] Aqui há certamente desilusão, mas nada prova que houvesse arrependimento. [...]" (*apud* EQ, 1929: XXXV-VI e XXXVIII)

A geração neo-garrettista, designação que EQ, com ironia — *et pour cause* — fingia não compreender, procura encontrar um patrono respeitável entre os gloriosos nomes da geração anterior e, depois do postulado republicano e produtivo de Teófilo Braga, acaba por se centrar na figura do notável romancista, esquadrinhando nela uma fase de reencontro consigo mesmo que fosse um encontro com a realidade nacional, naquilo que ainda tinha de puro e de são — os santos e os campos, a religião e a pobreza da ruralidade. À interpretação de *tolerância* e *desilusão*, com que José Maria procura emoldurar a imagem final controversa de seu pai, respondem os saudosistas com a religiosa classificação do *arrependimento* ou, no melhor dos casos, e é o caso de ALV, com a vontade de traçar uma *complexa psicologia*, entendendo ainda a individualidade pela obra que produziu.

A todos parece faltar a teia de uma História que envolva as condicionantes do homem, enquanto indivíduo social, e do escritor, enquanto analista do seu próprio tempo, na condicionante mais alargada das determinações do pensamento e da escrita na 2.<sup>a</sup> metade do séc. XIX. Uma das visões dá-nos um EQ moral e filialmente perfeito no seu entendimento crítico do mundo; a outra restitui ao cânone literário uma parte da obra de EQ, numa espécie de compensação pela outra parte, a que mais incompreendida foi no seu tempo e mais escândalo levantou; a de ALV recupera de um modo literal aquilo que para EQ funcionou irónica e metaforicamente, e faz dele um precursor do *reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu*<sup>3</sup>.

Provavelmente nenhuma das visões está completa ou é definitiva, mas todas têm contribuído para ajudar a delinear a controversa figura, que EQ soube ser em vida,

<sup>3</sup> Numa carta para Oliveira Martins, datada de Paris, de 26 de Abril de 1894, a propósito do livro *Nun'Álvares*, EQ tece os seguintes comentários: "[...] Tu reconstroes a Patria e ressuscitas, com esses livros, o sentimento esquecido da Patria. E não é pequeno feito *reaportuguesar* Portugal. [...]" (EQ, 1925b: 248).

e projectá-la numa eternidade que se adivinha muito maior do que as comemorações deste 1.º centenário da sua morte.

2. No entanto, esta preocupação de ALV com um *longo estudo*, um *sério estudo*, capaz de dar a perceber a *curva da sua complexa psicologia*, tipo de ensaios que ele próprio se sentia incapaz de levar a bom termo, não parece tê-lo abandonado nunca e, em 1945, em carta datada de 8 de Julho, escrevia ao eloquente crítico João Gaspar Simões, cuja coragem intelectual admirava, para o felicitar pelo seu estudo sobre *Eça de Queiroz*:

"Meu caro João Gaspar Simões

Li o seu *Eça de Queiroz* não posso dizer dum fôlego, mas de poucos fôlegos seguidos, e, ainda sob o domínio do livro, sem ter pesado comigo mesmo os pormenores, apresso-me a dar-lhe um abraço de fortes parabéns. Creio q. V. achou o segrêdo do grande dorido, a chave q. lhe abriu o mais profundo do seu misterio. Ninguém evocará com tal ousadia e tal inteligência critica no ponto culminante para a compreensão do homem e da obra — sôbre-tudo do homem. E só por isso o seu livro ficará como a mais importante das *comemorações* do centenário, e de certo o ficará também se essas comemorações não fôssem, como têm sido, dignas apenas do *circulo* q. tem o seu nome. Falta-me no conjunto critico o estudo da linguagem queiroziana, porq. a linguagem foi, e há-de sempre ser, a *bruxaria* dêste novo clássico q. se ignorava, bruxaria comparável, na arte de pintar, à côr do Columbano da grande época. Mas não é para lhe dizer o q. me falta q. lhe estou escrevendo, ainda com a alma e a casa desarrumadas da chegada. É para o festejar pelo q. fêz e fêz com agudeza e coragem singulares em nossas Letras e Costumes [...]" (ALV, 1945: esp. E16).

ALV sabia que só um estudo aprofundado sobre EQ poderia restituir a *chave* para o *mais profundo do seu mistério*, que o ALV leitor de Gaspar Simões encontra, afinal, no documento da legitimação para o casamento. Sob os efeitos do tumulto provocado por essa revelação, dirá, na mesma carta, ao crítico: *[d]a operação cruel mas tão necessária do arrancar da máscara, operação donde o grande artista sai assas falhado, mas sagrado de dor...* (carta cit.). Essa humanização de EQ tornou-se, pois, o grande contributo do estudo de Gaspar Simões e deu espaço para o aprofundamento (e também o abuso...) de algumas interpretações de ordem psicanalítica. Mas, se o estudo era inovador e, só por si, uma homenagem suficiente às comemorações do centenário do nascimento (sobre as quais ALV tem uma visão crítica), não parece ser suficiente para preencher as amplas expectativas de ALV. A falha por preencher dizia respeito a um estudo sobre a linguagem queirosiana que só apareceria cerca de dez anos depois no revolucionário ensaio de Ernesto Guerra da Cal.

Já desde as reflexões, "Da Linguagem e do Canto", incluídas em 1922 na obra *Em demanda do Graal*, mas sobretudo nas "Breves notas dum estudante da Língua", parte integrante da *Nova demanda do Graal*, de 1942, é a esse estudo, ou àquilo a que poderei chamar os prolegómenos a um estudo da linguagem queiroziana, que ALV se vai dedicar com invulgar actualidade e demonstração evidente do interesse

e da leitura ininterrupta que fez do grande mestre, o *novo clássico*, como gosta de o classificar.

No já citado prefácio de José Maria d'Eça de Queiroz às *Cartas inéditas de Fradique Mendes*, além de uma argumentação cerrada contra a acusação de plágio que corria então sobre seu pai, procura desmitificar aquilo a que chama a *irritante questão da língua* (EQ, 1929: XIII). Acusado de estrangeirice, galicismo, pouco conhecimento da sua língua materna, notou-se *ignorância* onde só houve *propósito*:

"[...] EQ transformou o português — não com o fim de criar uma escola, mas no louvável intuito de imprimir definitivamente à língua uma nova directriz, com novas possibilidades de brilho, de beleza e de maleabilidade. Era ainda aqui um inovador — e, como todo o inovador, começou por 'forçar a nota'. Mais tarde, encontrou o justo equilíbrio e chegou quase à perfeição, mas — tal é a força da penetração duma 'ideia feita' num país de grande indolência mental — ainda hoje se escreve gravemente que EQ não sabia português e desconhecia as regras mais elementares da gramática — o que parece insinuar que os escritores são a consequência das gramáticas, em vez de serem as gramáticas a consequência dos escritores, e que, ou a língua chegou ao fim da sua evolução, se tornou insusceptível de aperfeiçoamento ou modificação, cristalizou definitivamente, isto é, morreu, ou, como no Baixo Império, existem em Portugal duas línguas: uma que se fala e outra que se escreve! [...]" (EQ, 1929: XIII-XIV)

As reflexões de ALV sobre EQ não podiam deixar de revelar um movimento cujo ponto de partida residia numa certa mágoa pela dúvida metódica sobre a profundidade da *veia nacional portuguesa*, que nunca parece ter abandonado EQ definitivamente, até um reconhecimento do modo inovador como este autor tratou a língua portuguesa, tornando-se, pela sua revolucionária arte, um clássico. Assim, na nota 140 das "Breves notas dum estudante da Língua" — com cautela e rigor, ciente de que ele próprio não se pode considerar *senão um mau aluno de Linguagem* (ALV, 1942: 283) — ALV reconhece, em retrospectiva, o caminho percorrido pela sua geração, desde o tempo em que EQ, numa carta a Alberto d' Oliveira, datada de Paris, de 23 de Janeiro de 1896 (EQ, 1925b: 264-5), onde se discutiam as hipóteses de realização de uma revista de arte intitulada *Serão*, concluía da inexistência da arte no Portugal finissecular:

"140. Decididamente caminhámos alguma coisa desde o tempo (1896) em que EQ queria ilustrar o seu 'magazine' com 'clichés estrangeiros', porque, 'emfim, desde que nós queremos fazer uma revista de arte, num país sem arte...'? Chegaria ele a pensar que escrevia na linguagem de um país que, a-final, a não tinha?" (ALV, 1942: 353)

Quem fala nesta nota de ALV é toda uma geração que julga ter atingido aquilo que EQ apenas julgara possível sob a forma utópica de uma nacionalidade adiada, na antevisão de uma desforra da invasão de Portugal, com sagacidade e ironia ficcionada no conto *A catástrofe* (1925). Daí que ALV insista em distinguir EQ da escola naturalista, toda ela obviamente desencantada com a decadência de uma pátria cuja sobrevivência se mostrava duvidosa nas suas novelas e romances. Permitindo-lhe

escapar ao fracasso de uma concepção do real e do literário, a qualidade fundamental de EQ foi, para ALV, a rebeldia de uma linguagem inovadora:

"57. É moda querer-se enconformizar EQ, torná-lo homem *sages*, segundo diz o *Leal Conselheiro*. Mas como, se no fundo do artista careteou sempre um genial gaiato? Ele resiste a todas as tentativas de enconformização, e foi por vir da rebeldia que a sua linguagem está tão viva quando a superstição da sua escola falhou." (ALV, 1942: 315).

Em que consistia essa inovação? Basicamente numa revolução iniciada pelo Garrett de *Viagens na minha terra*, continuada por João de Deus, e que EQ elevou ao seu expoente máximo, e que consistiu na utilização de uma *língua viva*, capaz de tornar obsoleto um *dialecto literário*, há muito morto, mas que teimava em persistir, preso às velhas convenções que o afastavam cada vez mais da evolução da viva (e por vezes escandalosa) língua oral. Assim se compreende como uma mudança brusca nas convenções tradicionais pode fazer de alguém um clássico:

"49. A glória do naturalismo em Portugal foi a vitória da língua falada contra a língua bem-falante. Dêste modo EQ desempenhou papel de clássico." (ALV, 1942: 311).

Não é, pois, de admirar, que os contemporâneos de EQ lessem *Singularidades de uma rapariga loira* (1874) e não dessem pela extraordinária novidade (ALV, 1942: 328). A dificuldade de reagir à surpresa provocada pela inovação tem sido episodicamente notada em todos os estudos com uma perspectiva diacrónica da literatura, e não devia ser fácil para o leitor do fim do século XIX encontrar e apreciar *almas vivas em linguagem viva* (*ibidem*), quando estava habituado a encontrar personagens artificiais metamorfoseadas em conhecidas e seguras convenções de uma linguagem literária hierárquica e necessariamente distinta da língua do falar quotidiano.

3. No entanto, mesmo ALV, tão aparentemente consciente dessa inovação e da sua importância fundamental na transformação de um paradigma da língua literária, não resiste a dar uma visão do *pecado* cometido por EQ e pela sua geração, o pecado do encantamento pelo francesismo que, o mesmo é dizer, o pecado do esquecimento da pura e nobre língua portuguesa dos Primitivos (os Cancioneiros e os escritores de seiscentos), onde os neo-garrettistas se rejuvenescerão, purificando-se:

"75. EQ, o dos *Ramires*, a buscar diligente clássicos portugueses em alfarrabistas do Sena, Fialho de Almeida a lastimar-se por fim na charneca do que lhe pesava como francesia, comovem como pecadoras arrependidas, chorosas Madalenas da Linguagem! Mas incorrecções, defeitos e ousadias de artistas grandes fazem parte do mistério das obras. Sem tantos pecados teriam eles o mesmo encanto?" (ALV, 1942: 322-3).

Este pecado original, que marcou a recepção literária de EQ e o modo como toda uma geração o interpretou, resistindo a aceitá-lo pelo valor das suas inovações<sup>4</sup>, é o mesmo que faz ALV oscilar entre a consideração e a valorização de uma postura de moderno nacionalismo, que é completamente diferente da posição dos Puristas, e alguns comentários que não podem deixar de reconhecer (e se indignar com) exemplos em que a utilização dos galicismos corre o risco de destruir a própria língua portuguesa:

"89. Quando EQ escreveu *gôche* quis talvez brincar com o Purismo e, em todo o caso, nacionalizou. Mas quando escreveu que Ramalho Ortigão era 'sólido à fadiga, alegre ao trabalho', já aqui não há Língua Portuguesa, mas um cadáver de idioma, um dialecto de escravos!" (ALV, 1942: 328).

Deve notar-se que o próprio ALV se penitenciara, em 1922, da impossibilidade de escrever sem galicismos, no que não deixa de ser uma justificação de EQ e, mais tarde, das graves e imperdoáveis faltas que são os galicismos *estampados na prosa do Estado* (ALV, 1942: 301):

"Nunca melhor entendi que o mistério da Arte é sagrado como quando, numa crise de purismo neurasténico, decidi escrever sem galicismos... Então achei-me tolhido e estúpido deante da página. É que eu antepusera ao meu dever de escrever *vivo*, confiando no meu sangue, a minha vaidade de escrever *puro*, confiando no meu saber!" (ALV, 1922: 350-1).

Mais importante ainda, ALV deplora a *total incompreensão* de EQ para com a *pura maravilha que é a expansão da nossa Linguagem no mundo* (ALV, 1942: 289-90), a propósito de um comentário irónico tecido por EQ à celebração feita por Pinheiro Chagas, na qualidade de jornalista, do dialecto português de Ceilão. Escudado na sua perspectiva nacionalista, ALV, qual convicto Gonçalo Ramires, acredita na possibilidade expansionista da língua portuguesa e defende um novo imperialismo da língua capaz de alargar os estreitos horizontes de uma pátria cuja grandeza de *alma penada* não se deve contentar com o confinado território nacional, mas se deve expandir na imensidão das províncias herdadas dos gloriosos homens de seiscentos e mantidas com o esforço dos *novos lusíadas*, como Mousinho de Albuquerque, que ALV ainda canta na sua obra epigonal, *Onde a terra se acaba e o mar começa* (1940), mesmo se já contaminado pela ironia do desalento e da melancolia terminais que, esses sim, parecem ter sido comuns às duas gerações. Se EQ, seguindo a interpretação de ALV, descobriu o

<sup>4</sup> Jaime de Magalhães Lima, no vol. III (fasc. de Natal — VIII) da rev. *Lusitânia*, escrevia um artigo intitulado "O Estilo de Eça de Queirós e os seus contrastes e paralelos" (pp. 177- 88), onde procurava definir o estilo nacionalista por oposição ao de EQ: "[...] consideremos quanto o estilo de Eça de Queirós é fundamentalmente gótico e romântico, ávido de liberdade e aventura e côr. Mansamente enlevado na pluralidade das linhas tão indestrinçáveis como impecavelmente harmónicas, de contínuo em certo estado de transiência ininterrompida, substancialmente avessa a estações amiudadas em ancoradouros da sua predilecção que o petrifiquem ou endureçam em limitados moldes, o estilo de Eça de Queirós é abertamente gótico [...]. § [...] § [...] Eça de Queirós não pôde nem poderá criar família literária e propagar-se no vulgo senão para suscitar encanto e pasmo, e nunca para se reproduzir em obras congéneres nascidas de palpação criadora comum. [...] Para o temperamento nacional, ciceroniano, compassado, autorizando a riqueza, mas desconfiando da sensibilidade e, quando sobrecenho, levando-a à conta de enfermidade, o gótico será sempre o capricho, o desvio da regra, a expansão fortuita e efémera, posto-que ardente e magnífica, um esporte [...]" (Lima, 1925: 179-80). Este é apenas um exemplo mais da recepção oscilante de EQ feita pela geração dita nacionalista.

sentido de Portugal no fim da sua vida, numa espécie de apaziguamento religioso que o terá feito reconciliar-se com a alma da pátria, a ALV, e à geração em que se inclui, coube a convicção de que a sobrevivência de Portugal passava, acima de tudo, por uma expansão da língua portuguesa nos novos e jovens mundos:

"117. Se se considera que o futuro de Portugal depende, mais que de tudo, da Linguagem — mãe de povos criados ao seu peito, território moral inexpugnável, laço humano indestrutível — assombra que não despertem a consciência nacional os assaltos diários que ela sofre. [...]" (ALV, 1942: 343)

"148. Virá a Língua Portuguesa a ser, um dia, a fala de muito mais de duzentos milhões de criaturas, tão ditosamente semeadas no globo que sob a rosa do Sol se debruçam em todos os mares, disfrutam as mais fecundas terras e lhes pertencem as mais belas margens do Atlântico? Então a Linguagem perpétuamente remoçaria na boca de povos jovens, estenderia o harmonioso tentáculo de sons à roda do Mundo, falada nas Áfricas como o idioma oficial dos Brancos, e conferindo às nossas páginas formosas aquela imortalidade a que se pode aspirar em planeta efémero. Para que o sonho enorme se realize (aliás tão realizável que já está feito o mais difícil dêle), para tal glória da Linguagem é mister que a leguemos pura e forte, latina na raiz e nacarada nos Trópicos, com a sintaxe plantada em chão natal, mas liberal no acolher de vocábulos, Língua sempre dona e perpétua donzela, nobre de passado senhorial e crioula em tôdas as latitudes, capaz, emfim, de aparelhar com *gesto airoso* para os rumos prodigiosos do porvir." (ALV, 1942: 359).

Esta visão das possibilidades da língua portuguesa — talvez um dos principais legados de ALV à geração que se lhe seguiria e que mantém nos dias de hoje grande parte da sua actualidade — permitiu a ALV ler EQ despido de algumas preconceituosas convenções puristas da sua geração, aceitando os erros de versificação do novo clássico, produzidos *com inocência de colegial* (ALV, 1942: 290-1), colocando a sua prosa mais do lado visual do que do lado auditivo, e considerando o fundo bucólico presente no Jacinto de *A Cidade e as Serras*, — *a ternura gentilissima e bucólica dos seus últimos livros* (ALV, 1922: 14) — tal como explica a própria obra de adaptação de Francisco Rodrigues Lobo que ALV enceta no período final da sua vida, ou as desconhecidas *Éclogas de Agora* (1935), como um percurso inevitável no trajecto de todos os que escrevem com a alma de Portugal: a amada e amante língua portuguesa.

No conjunto destas reflexões de ALV sobre EQ encontramos os traumas geracionais de quem se vê confrontado com a assimilação do *escândalo* e da *inovação* provocados pela maior parte dos romances queirosianos e com a sua sublimação na descoberta de um EQ rendido a uma *verdade da pátria*, que uma interpretação da postura irónica, como a sua<sup>5</sup>, não nos deixaria hoje interpretar com a mesma certeza

<sup>5</sup> Foi também por causa desta *postura irónica* que Raul Brandão teceu, segundo Seabra Pereira, na "Introdução" ao tomo II das *Memórias* (ed. Relógio d'Água, Lx., 1999, pp. 21-2), a sua "[...] proverbial reserva [...] relativamente a um Eça de Queirós todavia admirado. § Ora, o passo que temos em mente não é apenas pertinente para clarificar essa convicção de que a Eça 'falta-lhe não sei o quê que me irrita'; é talvez mesmo secundário o juízo pessoal sobre a suposta quebra de autenticidade na relação entre a *persona* artística de Eça e a sua genuína vocação de criador literário ('E no entanto agasta-me; sinto que a sua obra, lá de dentro, não era aquela; a sua obra verdadeira fechou-se com ele no túmulo, onde o esqueleto conserva na órbita descarnada o monóculo insolente.'). [...] Raul Brandão sobe a parada dos seus juízos, indiscernivelmente literários e mundividentes, para concluir: 'Ele foi irónico e a vida não é irónica.' [...]"

reduzidora dos que a canalizaram para o quadro paternalista que mais lhes interessava. Provavelmente, só o reconhecimento da grande inovação da linguagem queirosiana, sublinhada por ALV em tempo devido, bastaria para fazer de EQ o notável romancista, capaz de, no dizer de Guerra da Cal:

"[...] submete[r] a língua portuguesa a uma das mais profundas revulsões que ela sofreu em todo o seu devir literário. Deu o golpe de morte à frase oratória, tão cara ao ouvido peninsular, unindo as palavras em novos, sóbrios e subtis sistemas expressivos, capazes de insinuar no espírito do leitor ricas complexidades de experiência psíquica. [...]" (Cal, 1979: 889).

Ainda numa das suas últimas conferências, inédita, sobre as *Três Glórias de Leiria* (um monumento, um poeta e um herói — o Castelo, Francisco Rodrigues Lobo e Mousinho de Albuquerque), ALV se sentia na obrigação de defender EQ da acusação de ateu pelo romance *O Crime do Padre Amaro*, se bem que não possa aceitar o modo descuidado como um artista dotado, na sua passagem por Leiria, não tenha sabido ver o Castelo como uma importante reminiscência das glórias do passado:

"[...] Para avaliarmos do desinteresse singular q. um monumento da categoria, aliás europeia, do Castelo de Leiria inspirava aos homens de há 60 anos, é curioso lembrar q. em todo o romance de Eça de Queiroz cuja acção se passa em Leiria, se encontram apenas sete ou oito palavras q. dizem respeito à gloriosa ruína.

Citando *O Crime do Padre Amaro*, — um livro tido como irrespeitoso e ateu, [...] eu não cometo inconveniência alguma; êsse romance não atacou a Igreja, apenas caricaturou o clero da época. EQ, tão admirável artista da prosa, dotado com singular poder visual — não viu o Castelo. E isto é bem característico duma época. [...]" (ALV, esp. BMLALV, ms. n.º 32017, fols. 4-5).

Direi que é precisamente neste ponto que se cruzam dois modos diversos de ler o mesmo real, e que são essas diferentes visões emanadas de um mesmo referente a tornar interessante o fosso geracional sem o qual a estagnação seria inevitável. O Castelo, no caso concreto as ruínas do castelo de Leiria..., entendido por EQ como mais uma imagem de um decadente país e ligeiramente tratado como notação de um tempo histórico definitivamente ultrapassado, transforma-se no símbolo máximo de uma grandiosidade da pátria que a *Liga dos Amigos do Castelo de Leiria* se propõe restaurar condignamente<sup>6</sup>, elevando-o a monumento identificador de um orgulho nacional que se espera alcançar em simultâneo com a recuperação da tradição. O castelo que herdámos hoje, na versão controversa do arquitecto Korrodi, tornou-se, para nós, no único referente de um passado que nunca conseguiremos olhar virginalmente, isto é, que está,

---

<sup>6</sup> Este grupo, cujo objectivo era 'conservar as ruínas do Castelo de Leiria, compreendendo a cidadela, com todo o seu sistema de construções, muralhas e terrenos adjacentes, e ainda a igreja de S. Pedro', fundou-se em 30 de Setembro de 1915. É preciso não esquecer que o estudo do arq<sup>to</sup>. Ernesto Korrodi, *Estudos de Reconstrução sobre o Castelo de Leiria — Reconstituição gráfica de um notável exemplo de construção civil e militar portuguesa*, Zurich, Instituto Polygraphico, é de 1898, o que coloca as primeiras investigações sobre o Castelo numa época ainda próxima de EQ. Para informações detalhadas sobre este monumento e este período da sua história, vd. Gomes, Saul, *Introdução à História do Castelo de Leiria*, Leiria, Câmara Municipal, 1995: 249-80.

desde o primeiro ao derradeiro olhar, carregado com a estranha poeira das práticas significantes humanas com que a História, nebulosa e indelevelmente, nos marca.

4. Não posso deixar de tomar em consideração outras informações de interesse para uma sociologia da literatura, sem as quais a compreensão do olhar de ALV sobre EQ ficaria, sem dúvida, empobrecido. Atenta à importância das leituras efectuadas por ALV, possuidor de uma invejável biblioteca legada à Biblioteca Municipal de Leiria Dr. Afonso Lopes Vieira [BMLALV], não pude evitar uma certa estranheza pelo pequeno número de 1.<sup>as</sup> edições aí presentes. Estudante em Coimbra, ao tempo, por exemplo, de *A Correspondência de Fradique Mendes (Memórias e Notas)*, cuja 1.<sup>a</sup> ed. é de 1900, e conhecendo a apetência de ALV pelas novidades literárias, não podem deixar de notar-se os longos quinze anos que ALV leva até adquirir a 4.<sup>a</sup> ed. do marcante romance epistolar. O mesmo reparo se poderia fazer a propósito de *A Cidade e as Serras*, com uma 1.<sup>a</sup> ed. em 1901, e que aparece na biblioteca de ALV em 4.<sup>a</sup> ed., de 1913; dos *Contos*, com uma 1.<sup>a</sup> ed. em 1902, e que só aparece em 3.<sup>a</sup> ed., de 1913; das *Prosas Bárbaras*, com a 1.<sup>a</sup> ed. em 1903, sendo ALV possuidor da 2.<sup>a</sup> ed., de 1909.

Idênticas chamadas de atenção se poderiam fazer com outros volumes, chamadas essas que resultarão evidentes do confronto com a lista das obras de EQ (presente nas referências bibliográficas) que foram pertença de ALV e que apresentam, inclusivamente, algumas marcas evidentes do aturado manuseamento dos livros, bem como algumas, embora raras, anotações manuscritas autógrafas de ALV.

No entanto, a partir da edição póstuma de *A Capital*, em 1925, ALV adquire as primeiras edições, o mesmo acontecendo com os outros volumes publicados no mesmo ano: *Correspondência e Alves & Companhia* ou as *Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas* (1929), *Crónicas de Londres. Novos Dispersos. Contribuição para o centenário de Eça de Queiroz* (1944) e *Cartas de Eça de Queiroz. Contribuição para o centenário de Eça de Queiroz* (1945).

Observações deste tipo levam-me a concluir que o interesse de ALV por EQ se deve situar numa fase relativamente tardia, a coincidir com a sua maturidade, isto é, entre a primeira década e a década de 30, não sendo descabido fazer uma leitura da tradução em inglês do conto *O Defunto*, oferecida pelo tradutor Edgar Prestage a ALV, e publicada em 1906 — o exemplar mais antigo da biblioteca queirosiana de ALV — como o desencadear do encantamento progressivo de ALV com a leitura da prosa queirosiana. A ser assim, a atenção dada aos livros de EQ seria uma consequência directa do reconhecimento e valorização canónica de um romancista inovador, neste caso processado do estrangeiro para o interior dos nossos cânones, não chegando a influenciar formativamente a juventude literária de ALV, o que justifica a designação

de *novo clássico* e a assimilação tardia das suas inovações, com a posterior recusa do seu lugar numa hierarquia canónica, que só a grande apetência do público leitor teria peso para ir progressivamente modificando.

5. Apesar de tudo, a figura pública que ALV encenou durante os seus quase 68 anos de vida pode ser lida como um reflexo deformado da figura desse *alter-ego* de EQ, o cosmopolita Fradique Mendes, o viajante pelo mundo da cultura, capaz de dominar a civilização e dela colher apenas os gostos e os triunfos:

"[...] Depois disto Vidigal sabia apenas que Fradique, livre e rico, saíra do *Quartier-Latin* a começar uma existência soberba e fogosa. Com um ímpeto de ave solta, viajara logo por todo o mundo, a todos os sopros do vento, desde Chicago até Jerusalém, desde a Islândia até ao Sara. Nestas jornadas, sempre empreendidas por uma solicitação da inteligência ou por ânsia de emoções, achara-se envolvido em feitos históricos e tratara altas personalidades do século. Vestido com a camisa escarlate, acompanhara Garibaldi na conquista das Duas Sicílias. Incorporado no Estado-Maior do velho Napier, que lhe chamava *the Portuguese Lion* (o Leão Português), fizera toda a campanha da Abissínia. Recebia cartas de Mazzini. Havia apenas meses que visitara Hugo no seu rochedo de Guernesey... [...]" (EQ, 1915a: 17-8).

Viajante ao sabor da procura de cultura e por necessidade de documentação histórica *in loco* — a título de exemplo, ALV percorre por duas vezes a Itália, em peregrinações que procuram refazer o percurso de S. Francisco de Assis (Primavera de 1908) e de St.º António (Primavera de 1931) — de cada vez confrontado com a vastidão cultural do mundo, ALV refugia-se num amor cada vez mais entranhado ao pequeno pedaço de pátria de olhos virados para o mar. Se Fradique se comporta como um estrangeirado convicto — o próprio EQ nunca o conseguiu ser completamente —, ALV é a encarnação da máscula vontade, totalmente nacional, sem cepticismo nem dúvida. Fradique é uma procura, um desejo queirosiano de encontrar rumos; ALV é o rumo de Portugal, o missionário de uma salvação do ideal pátrio e o apóstolo de uma imortal grandeza portuguesa.

Nos monóculos de EQ e de ALV lê-se uma mesma ânsia de perfeita visão, mas ambos vão (des)focar o real à medida das suas limitadas e historicamente verosímeis concepções — Eça menosprezando Portugal e a sua (falta de) capacidade de realização; Afonso entronizando Portugal e os seus heróis, com a crença fervorosa na inevitabilidade de um *reaportuguesamento* que fosse uma ressurreição dos gloriosos valores e uma aproximação da Europa. EQ tem como espada crítica a ironia; ALV empresta seriedade aos fantasmas do passado e faz deles estátuas de um novo mundo. Como podia o monóculo de ALV olhar para EQ, cuja inovação entrava pelos olhos dentro, sem o querer recuperar para esse panteão dos puros portugueses? Fradique virado do avesso, ALV viu em EQ apenas aquilo que desejava ver, isto é, infinitamente menos do que aquilo que EQ foi.

E no entanto, apesar de todas as deformações e de todos os equívocos, é ALV quem escreve, em 1921, uma corajosa Carta à comissão organizativa de um monumento a EQ na Póvoa do Varzim, reconhecendo-o como *o mais cosmopolita dos escritores nacionais contemporâneos* (ALV, 1922: 289) e demonstrando a estreiteza e o ridículo de um acto que pretendia confinar EQ a uma localidade, em que incidentalmente tinha nascido, quando era cidadão do mundo:

"[...] 2.º — Pela qualidade particular, discreta e distinta, do seu espírito, como pelo poder, acerado e evidente, da sua ironia, EQ presta-se mal aos azares da glorificação. Um busto? Numa praça, — ridículo. Deante do mar, — exilado. [...]" (ALV, 1922: 290).

Em Março de 1942, ao pronunciar-se sobre outro centenário, o de Antero de Quental, cujas comemorações se preparavam por essa altura, ALV reagia contra os *monumentos grandiosos*, que podiam contribuir para a *glorificação material diminuindo a [sua] inconfundível fisionomia espiritual* (ALV, 1942a: 2), e concluía com estas proféticas palavras:

"[...] — É preciso espiritualiza[r os centenários]. É preciso fazer deles, já que estão em voga, uma evocação perfeita dos factos que celebram..." (*ibidem*).

O busto de ALV na praça principal de S. Pedro de Moel, santificado frente ao mar, que olhará por toda a eternidade, é a resposta mais clara da distância que separa dois dos grandes escritores portugueses, representantes dignos de dois séculos em confronto — o fosso que há entre a dúvida metódica e a certeza da fé, dois ramos da mesma árvore de um profundo amor e conhecimento da completa pátria portuguesa.

### Referências bibliográficas:

- Cal, Ernesto Guerra da, 1954**, *Lengua Y Estilo de Eça de Queiroz — I — Elementos Básicos*, Coimbra. / versão port., Lx., sd. [1967].
- **1979**, "Queirós, José Maria Eça de (Póvoa do Varzim, 1845-Paris, 1900)" entr. do *Dicionário de Literatura*, dir. de Jacinto do Prado Coelho, Figueirinhas, Porto, 3ª. ed., pp. 886-90.
- Lima, Jaime Magalhães, 1925**, "O estilo de Eça de Queirós e os seus contrastes e paralelos" in *Lusitânia. Revista de estudos Portugueses*, vol. III, fasc. do Natal (VIII), Dezembro, pp. 177-88.
- Matos, A. Campos**, (org. e coord.) **1988**, *Dicionário de Eça de Queiroz*, ed. Caminho, Lx.
- Oliveira, Alberto d', 1894**, *Palavras Loucas*, F. França Amado, Coimbra.
- **1925**, "O Nacionalismo na Literatura e as *Palavras Loucas* (Cartas inéditas de Oliveira Marques, Eça de Queirós, Fialho de Almeida, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro)" in *Lusitânia. Revista de estudos Portugueses*, vol. III, fasc. VII, Outubro, pp. 7-33.
- [EQ] Queiroz, Eça, 1906**, *Our Lady of the Pillar*, done into English by Edgar Prestage, Archibald Constable and company, Ltd., London. [trad. do conto *O Defunto*, 1ª. ed., 1895] [BMLALV: M-6-1562 — c/ ded. ms. de Edgar Prestage a ALV]
- **1907**, *Cartas de Inglaterra*, Livr. Chardron, Porto, 2ª. ed. [1ª. ed., 1905] [BMLALV: M-6-1556 — carta VIII "Lord Beaconsfield", c/ correcção ortográfica de *Blenington* para *Blessington*, ms. a lápis, na margem da p. 105]
- **1909**, *Prosas Bárbaras*, intr. por Jayme Batalha Reis, Livr. Chardron, Porto, 2ª. ed. [1ª. ed., 1903] [BMLALV: M-6-1555]
- **1911**, *Echos de Paris*, Livr. Chardron, Porto, 2ª. ed. [1ª. ed., 1905] [BMLALV: M-6-1554]

- **1912**, *Ultimas Paginas (Manuscriptos ineditos) S. Christovam — Sr.º Onofre — S. Frei Gil — Artigos diversos*, Livr. Chardron, Porto. [BMLALV: M-6-1560 — c/ lista de obras de EQ assinaladas a lápis nas pp. iniciais]
  - **1913a**, *Contos*, Livr. Chardron, Porto, 3ª. ed. [1ª. ed. 1902] [BMLALV: M-6-1552 — c/ palavra subl. a lápis azul na p. 135]
  - **1913b**, *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris (1893-1896)*, Livr. Chardron, Porto, 2ª. ed. [1ª. ed., 1907] [BMLALV: M-6-1557]
  - **1913c**, *A Cidade e as Serras*, Livr. Chardron, Porto, 4ª. ed. [1ª. ed., 1901] [BMLALV: M-6-1558]
  - **1913d**, *Notas Contemporâneas*, Livr. Chardron, Porto, 2ª. ed. [1ª. ed., 1909] [BMLALV: M-6-1573 — com anotação ms., na cal. de ALV, no art. "A Academia e a Literatura (Carta a Mariano Pina)", na margem da p. 199: *mau gôsto*]
  - **1915a**, *A Correspondência de Fradique Mendes (Memorias e Notas)*, Livr. Chardron, Porto, 4ª. ed. [1ª. ed., 1900] [BMLALV: M-6-1553]
  - **1915b**, *O Primo Bazílio, Episodio Domestico*, Livr. Chardron, Porto, 6ª. ed. [1ª. ed., 1878] [BMLALV: M-6-1573]
  - **[1916a?]**, *Os Maias. Episodios da vida romantica, vols. I e II*, Livr. Chardron, Porto, 3ª. ed., sd. [1ª. ed., 1888] [BMLALV: M-6-1550]
  - **1916b**, *O Mandarim*, Livr. Chardron, Porto, 6ª. ed. il., c/ um pref. do auctor [1ª. ed., 1880] [BMLALV: M-6-1551 — c/ correccção ms. a lápis na margem da p. II]
  - **1917**, *O Crime do Padre Amaro, scenas da vida devota*, Livr. Chardron, Porto, 6ª. ed. [1ª. ed. em vol., 1876] [BMLALV: M-6-1549 — vol. em mau estado]
  - **1922**, *Eça de Queiroz, I, Selecta para leitura na Família e na Escola*, Antologia Portuguesa org. por Agostinho de Campos, Livrs. Aillaud & Bertrand, Chardron e Francisco Alves, Paris-Lx., Porto, Rio de Janeiro. [BMLALV: G-8-3282 — c/ ded. de Agost. de Campos a ALV]
  - **1923**, *Eça de Queiroz, II, Selecta crítico-literária*, Livrs. Aillaud & Bertrand, Chardron e Francisco Alves, Paris-Lx., Porto, Rio de Janeiro. [BMLALV: G-8-3283]
  - **1925a**, *Alves & Cª.*, Livr. Chardron, Porto. [BMLALV: Z-4-3495]
  - **1925b**, *Correspondência*, intr. de José Maria d'Eça de Queiroz, "Eça de Queiroz e Fradique Mendes", Livr. Chardron, Porto. [BMLALV: Z-4-3497 — c/ art. de jornal recortado e colado imediatamente antes da introdução, c/ carta de Bristol, 8 de Agosto de 1888, a Fialho; carta XXVII, ao Conde de Ficalho, c/ anotação ms., na cal. de ALV, na p. 118, *Lamartine?*; carta LXXI, a Alberto d'Oliveira, c/ anotação ms., a lápis e a lápis roxo, nas pp. 264-5]
  - **1925c**, *A Capital*, Intr. de José Maria d'Eça de Queiroz — "Os Ultimos Ineditos d'Eça de Queiroz", Livr. Chardron, Porto. [BMLALV: Z-4-3499]
  - **1926**, *O Conde d'Abranhos. Apontamentos biographicos e reminiscencias intimas por Z. Zagallo seu secretario particular e A Catastrophe*, Livr. Chardron, Porto, 2ª. ed. [1ª. ed., 1925] [BMLALV: Z-4-3494]
  - **1927**, *Uma Campanha Alegre — das Farpas*, I e II vols., Livr. Chardron, Porto. [1ª. ed., 1890-91, 2 vols., ed. Corazzi, XII e XIII vols. de *As Farpas* de R. Ortigão] [BMLALV: Z-4-3498]
  - **1929**, *Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas*, Livr. Chardron, Porto. [BMLALV: Z-4-3496]
  - **1944**, *Crónicas de Londres. Novos Dispersos. Contribuição para o centenário de Eça de Queiroz*, pref. de Eduardo Pinto da Cunha, ed. Aviz, Lx. [1ª. ed., 1940, *Cartas de Londres*, por Lopes de Oliveira e Câmara Reis] [BMLALV: Z-4-3501]
  - **1945**, *Cartas de Eça de Queiroz. Contribuição para o centenário de Eça de Queiroz*, ed. Aviz, Lx. [BMLALV: Z-4-3500]
- Simões, João Gaspar, 1945**, *Eça de Queiroz. O Homem e o Artista*, Lx.- Rio.
- [ALV] **Vieira, Afonso Lopes, 1922**, *Em demanda do Graal* [DG], livr. Bertrand, Lx.
- **1922a**, "Carta (Março de 1917)" in *Eça de Queiroz — in memoriam*, Tip. da Parceria, Ant. M.ª Pereira, Lx. [BNLALV: D-7-6181 — ex. com ded. ms. dos organs. a ALV: "A Afonso Lopes Vieira / homenagem agradecida / de / Cardoso Martha / Eloy do Amaral"]
  - **1925**, "D. Carolina Michaelis de Vasconcelos" in *Lusitânia. Revista de estudos Portugueses*, vol. III, fasc. do Natal (VIII), Dezembro, pp. 133-5.
  - **1942**, *Nova demanda do Graal* [NDG], livr. Bertrand, Lx.
  - **1942a**, "O Centenário de Antero de Quental. Afonso Lopes Vieira vota contra um monumento grandioso ao imortal autor dos *Sonetos*" in *Novidades*, supl. 'Letras e Artes', Lx., 15 de Março, pp. 2 e 3.
  - **1945**, *Carta de ALV a João Gaspar Simões* in *BNL, esp. E16*.
  - espólio da BMLALV [*Biblioteca Municipal de Leiria, Dr. Afonso Lopes Vieira*], ms. n.º 32017.

### Algumas referências de ALV a EQ

**\* 1922, "Páginas Soltas e folhas de Diário" in DG: 289-90.**

EÇA DE QUEIROZ

Á comissão do seu monumento na Póvoa de Varzim

Exm.ºs Senhores: — Resumirei em números, no estilo do Código Civil como preconizava Stendhal, o que penso e respondo à cerca da circular que recebi:

1.º — Sendo Eça de Queiroz o mais cosmopolita dos escritores nacionais contemporâneos, e podendo discutir-se se o facto quão incidental de um grande homem ter nascido em determinada localidade, será o bastante para essa localidade se constituir sua pátria espiritual, não discrimino imediatamente as cabais razões do projectado monumento.

2.º — Pela qualidade particular, discreta e distinta, do seu espírito, como pelo poder, acerado e evidente, da sua ironia, Eça de Queiroz presta-se mal aos azares da glorificação. Um busto? Numa praça, — ridículo. Deante do mar, — exilado.

3.º — A glória da Póvoa de Varzim, a que ela pode e deve sentir, é o Mar e o seu Pescador. A grandiosa recusa dada no Brasil pelos poveiros — que monumento a erguer como padrão de orgulho regional! Nos nossos dias, foram êsses pescadores que salvaram, longe de Portugal, a honra da Nação.

É a terra dêstes homens que eu saúdo nas pessoas de V. V. Ex.ªs

1921.

**\* 1922, "Da Linguagem e do Canto" in DG: 347-79.**

Quando Castilho releva os erros dos clássicos, não se pode deixar de sorrir. Não porque não saiba Castilho tanto ou mais português que Bernardes, mas porque nem Castilho nem a sua época tinham o gosto e o sentimento dos Primitivos. Aos clássicos quisera Castilho fazer o mesmo que lamentavelmente propõe para os versos de um Cancioneiro: 'ir por eles passando mui de vagar, apalpando-os e curando-os do modo possível'. O ilustre Castilho foi um sábio e profundo conservador da linguagem; e neste sentido, gentil paradoxo!, é que Eça de Queiroz teve a honra de dizer que dois ou três Castilhos seriam entre nós de grande utilidade. (356-7)

**\* 1922a, "Carta (Março de 1917)" in *Eça de Queiroz — in memoriam*: pp. 14-15.**

Meu caro camarada — pede-me colaboração, dando-me pressa, e fornece-me um tema enorme: Eça de Queiroz. Imagino que à cerca de um autor como êste ou se escreve um longo estudo, pelo menos um sério estudo, ou se apresentam desculpas e nos escusâmos. É esta ultima solução a que se me afigura decorosa. Se eu me dedicasse a essa ordem de ensaios, o que mais me tentaria seria estudar neste grande mestre a curva da sua complexa psicologia, que o fez partir de uma atitude de encarniçados desdêns até chegar á ternura gentilíssima e bucólica dos seus últimos livros. Queiroz conta que os rapazes revolucionários da roda de Antero tinham descoberto um dia esta novidade imensa — a Bíblia. O grande escritor descobriu, no último período da sua vida, esta outra maravilhosa novidade — Portugal!

É que o romancista confundiu durante longo tempo Portugal com o *conselheiro Acácio*.

Mas nos seus últimos livros o grande artista, sentindo a graça do seu País, é já um grande camarada nosso. E êle, como nós e o *Castanheira* do Ramires, — amâmos emfim a Tradição...

**\* 1925, vol. VIII de *Lusitânia*, fasc. do Natal.**

D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS

[...] Dos Portugueses, que nos séculos XV e XVI descobriram os grandes oceanos, os novos céus, as ilhas esparsas e os continentes distantes, pode dizer-se que só nos fins do séc. XIX e primórdios do XX começaram a descobrir Portugal. Tivemos, com Garrett e Castilho, um 1.º Romantismo, que esmoreceu (a-pesar-de Herculano) por se haver baseado mais na fantasia, na adivinhação ou na retórica, esvoaçantes em volta do Passado — do que na análise e na ciência bem travadas nêle. Veio depois a geração dos Naturalistas, tão mal armados para o nosso estudo do presente — alma, rua ou mundo — como os seus predecessores o estavam para fazerem verdejar últimamente a tradição ignorada ou esquecida. Dêsses 'positivistas' e 'cosmopolitas', os mais convictos do seu anti-romantismo vieram a morrer em cheiro-de-santidade nóvi-romântica, porque esta alma penada de Portugal, tanto tempo incapaz de se encontrar a si próprio, não cessava de procurar-se, até quando queria e julgava alhear-se de si ainda mais. E, assim como o 1.º Romantismo se malogrou, a-pesar do grande mas solitário Herculano, o 2.º falharia também, dirigido pelo caos mental de Teófilo, porque com êste, e com a estreita irradiação de Gama Barros, continuavam a faltar-nos luzes combinadas da análise paciente, do método rigorosamente sereno e da critica documentada e objectiva [...]" (pp. 134-5).

\* 1942, "Breves notas dum estudante da Língua" in NDG: 285-359.

9. Eça de Queiroz impiedosamente ridicularizava o *brigadeiro* Pinheiro Chagas porque este celebrava o dialecto português de Ceilão. De-certo o humor de Eça artista desbaratava facilmente a retórica do jornalista académico e apressado. Mas no fundo da brilhante crueza do ironista havia a total incompreensão — e isso é triste — da pura maravilha que é a expansão da nossa Linguagem no mundo. Não se sabe se é mais deplorável a incompreensão de um, se a retórica do outro. (289-90)

11. Eça de Queiroz foi incomparavelmente mais visual do que auditivo, o que era natural em tal pintor de retratos. Errava versos com inocência de colegial e o alexandrino encerrava para ele mistério impenetrável. Assim se explicam as *rimas* frequentes, e algumas desconcertantes, da sua prosa. (290-1)

23. Depois de Garrett, — e é essa a beleza do folhetim das *Viagens* — foram Eça de Queiroz e João de Deus o prosador e o poeta que restituíram às nossas letras a língua viva. Com eles acabou o *dialecto* literário — essa coisa morta, e vivaz! (295-6)

49. A glória do naturalismo em Portugal foi a vitória da língua falada contra a língua bem-falante. Dêste modo Eça de Queiroz desempenhou papel de clássico. (311)

57. É moda querer-se enconformizar Eça de Queiroz, torná-lo homem *sages*, segundo diz o *Leal Conselheiro*. Mas ?como, se no fundo do artista careteou sempre um genial gaiato? Ele resiste a todas as tentativas de enconformização, e foi por vir da rebeldia que a sua linguagem está tão viva quando a superstição da sua escola falhou. (315)

75. Eça de Queiroz, o dos *Ramires*, a buscar diligente clássicos portugueses em alfarrabistas do Sena, Fialho de Almeida a lastimar-se por fim na charneca do que lhe pesava como francesia, comovem como pecadoras arrependidas, chorosas Madalenas da Linguagem! Mas incorrecções, defeitos e ousadias de artistas grandes fazem parte do mistério das obras. ? Sem tantos pecados teriam eles o mesmo encanto? (322-3)

88. Pois quê! ? Foi possível que os contemporâneos lessem *Singularidades de uma rapariga loira* e não dessem pela extraordinária novidade? Eça de Queiroz, de um só golpe, mostrava-lhes almas vivas em linguagem viva — e eles não davam por tal?... (328)

89. Quando Eça de Queiroz escreveu *gôche* quis talvez brincar com o Purismo e, em todo o caso, nacionalizou. Mas quando escreveu que Ramalho Ortigão era "sólido à fadiga, alegre ao trabalho", já aqui não há Língua Portuguesa, mas um cadáver de idioma, um dialecto de escravos! (328)

103. Tão vivo é o nosso fundo bucólico que os novelistas portugueses andaram sempre aconchegando às condições da época o romance pastoril tradicional, refrescando as raízes da Linguagem no amor e contemplação de campos, serras, arvoredos e águas mansas. Dir-se-ia termos sido empurrados da Pastoral para o Mar por um destino superior (que no Infante pode encarnar dignamente), quando em verdade a nossa vocação era a de zagais enamorados e contemplativos. Castilho trajou Pedro e Inês de pegureiros e fêz daquela tragédia — uma égloga! Se até o próprio Eça de Queiroz, que primeiro julgara ser o mel produto da retórica, veio por fim a pastoralizar! O seu Jacinto é um bucólico — aliás tão arbitrário como o Sireno da *Diana*. Sorriu de pensar que Jacinto poderia ter tangido a fruta em Tormes, soprando-lhe sem querer um estribilho de Montmartre. (336-7)

112. Continuo a interrogar-me. ? Guardará a nossa Linguagem mistérios de lirismo que não logram transpor-se sem se obter no fim *luar empalhado*? ? Serão as liberdades que a nossa tão generosa sintaxe oferta ao escritor completo o que tolhe o tradutor na sua língua enquadrada? ? Quem traduziria a *Menina e moça*? E ? Eça de Queiroz não ficará empobrecido com a mera anedota dos seus romances? (340-1)

140. Decididamente caminhámos alguma coisa desde o tempo (1896) em que Eça de Queiroz queria ilustrar o seu 'magazine' com '*clichés* estrangeiros', porque, 'emfim, desde que nós queremos fazer uma revista de arte, num país sem arte...' ? Chegaria ele a pensar que escrevia na linguagem de um país que, a-final, a não tinha? (353)